

# Furtado apóia crescimento com inflação

*Economia - Brasil*

Agências Folha e Estado

Rio — O economista Celso Furtado defendeu ontem no Rio a adoção de políticas econômicas que aliem desenvolvimento e inflação. Ministro do Planejamento em 1963 (governo João Goulart) e da Cultura do governo José Sarney (1985-1990), Furtado, 79 anos, disse ser contra a meta do presidente Fernando Henrique Cardoso de não ter inflação no país. "Se perguntar ao povo brasileiro: você prefere o desemprego ou um certo grau de inflação? O Brasil viveu sempre com inflação de 5%, 10%, 15% mesmo", afirmou Furtado, depois da palestra no seminário *Desenvolvimento: o Fato e o Mito*, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

O economista lembrou as providências que tomou contra a inflação no governo de Goulart: "Quando fiz o Plano Trienal, o Brasil tinha inflação de 30% ao ano. Fiz plano para reduzi-la para 10%. Nunca me passou pela cabeça inflação zero, porque o sistema fica rígido. Minha política é muito mais eficaz, tem mais margem de manobra", garantiu.

Para Furtado, que considera inconciliáveis as correntes monetarista e desenvolvimentista do governo, a inflação tem uma função também. "Por que toda parte tem alguma inflação? Por que os países em desenvolvimento precisam de alguma inflação", perguntou. O ex-ministro criticou também o ministro da Fazenda, Pedro Malan: "É um homem de absoluta confiança do Fundo Monetário Internacional.

Tasso Marcelo/AE



**Furtado: "Quando fiz o Plano Trienal, a inflação era de 30%. Nunca me passou pela cabeça inflação zero, porque o sistema fica rígido"**

Por isso não tocam nele".

Mas elogiou o novo ministro do Desenvolvimento, Alcides Tápias, embora seja cético quanto ao resultado dos trabalhos desenvolvidos no ministério. Para Furtado, Tápias pode ser muito útil ao Estado, mas não para mudar a política. O economista foi veemente ao defender a volta do protecionismo aos produtos brasileiros em relação à concorrência estrangeira.

"O Brasil se meteu em um

liberalismo descabelado, que ninguém explica", disse o economista, para quem é trágico o que está acontecendo com a economia no Brasil. "A crise brasileira resultará em tensões sociais que poderão terminar em um golpe militar ou na escolha, pelo voto, de um líder de direita, representante do neofascismo", previu Furtado. E arrematou: "A gente sabe o seguinte: o que está ameaçada, agora, é a democracia. Se salvar a democracia, é um

milagre. Se não salvar, será o fascismo. Tenho a impressão que a situação vai se degradar até o fim do governo FHC".

Ele observou que o futuro do Mercosul é incerto, por causa da política argentina da dolarização. Segundo ele, o Mercosul pode até acabar se os outros países do grupo adotarem a moeda norte-americana. "A Argentina fez uma opção perigosíssima, a da dolarização. Perdeu a capacidade de autogover-

no. Essa política não pode continuar. Se não sair dessa política, o Mercosul acaba. Se for para dolarizar tudo, o Mercosul não tem sentido", afirmou.

O embaixador do Brasil na Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad), e ex-ministro da Fazenda Rubens Ricúpero, em vídeo-conferência no seminário, afirmou que o investimento estrangeiro deve ser vinculado ao desenvolvimento de

pequenos e médios fornecedores. Segundo ele, os investimentos desta natureza, nos últimos três anos, são voltados basicamente para os setores incapazes de gerar exportações, como telecomunicações e eletricidade.

"Este investimento tem peso sobre a balança de pagamentos, por causa das remessas de lucros e dividendos", alertou Ricúpero. Segundo o embaixador, as remessas saltaram de US\$ 700 milhões, em 1994, para US\$ 7,7 bilhões no ano passado. Ricúpero defendeu também o controle dos fluxos de capitais de curto prazo, inclusive quando eles saem do País, como fez recentemente a Malásia.

A economista Maria da Conceição Tavares também declarou ser favorável ao controle de capitais. Para Conceição, outra medida necessária imediata é tirar o programa do Fundo Monetário Internacional (FMI), acabar com as privatizações e voltar a ter um Banco Central (BC) independente do mercado e respondendo ao governo. "Há alternativas, desde as conservadoras até as mais populares", disse a economista. "O que não pode é deixar o governo destruir este país", criticou.

Segundo a economista, o Plano Real acabou em 1995, depois da crise mexicana. "José Serra (ministro da Saúde), Luiz Carlos Mendonça de Barros (ex-ministro das Comunicações) e o falecido Sérgio Motta (ministro das Comunicações) queriam mudar o plano ali, mas agora são os pesos pesados da indústria paulista que vão entrar em cena."

CORREIO BRAZILIENSE

09 SET 1999